

# Uma investigação preliminar das representações morais sobre células-tronco em mídia de massa.

*A preliminary investigation of stem cells moral representations in mass media.*

*Una investigación preliminar de las representaciones morales sobre las células madre en los medios de comunicación.*

Natan Monsores de Sá

**Palavras-chave:** Células-tronco; biotecnociência; representações morais

## RESUMO

A compreensão da interação social mediada e da circulação de discursos morais através da mídia devem ser objetivos de bioeticistas interessados em verificar como discursos sobre biotecnociência se incorporam ao cotidiano das pessoas, permitindo visão panorâmica da construção subjetiva de moralidades. O objetivo deste artigo é apresentar parte de uma das experiências do grupo de Bioética e Biotecnociência da Cátedra de Bioética da Universidade de Brasília, que é a investigação da circulação de conteúdos morais em discursos sobre células-tronco veiculados em mídia de massa (televisão). São apresentados o caminho para construção de uma estratégia metodológica e os resultados preliminares da primeira incursão sobre o corpus estabelecido (317 matérias jornalísticas). A leitura flutuante permitiu distinguir elementos argumentativos, como a esperança de cura e o progresso da ciência, frequentes nas representações que os enunciadores identificados (pacientes, cientistas, juristas, religiosos e jornalistas) tinham sobre a questão das células-tronco.

## ABSTRACT

The understanding of mediated social interaction and circulation of moral discourses through media should be an objective of bioethicists interested to show how discourses about biotechnoscience are incorporated into the daily lives of people, allowing a panoramic view of the subjective construction of moralities. The aim of this paper is to present partial results of research from Bioethics and Biotechnoscience Group of Bioethics Chair in University of Brasilia, which is the investigation of moral contents circulation in discourses about stem cells conveyed in mass media (television). We show the choice of methodological steps and preliminary results from corpus (317 newspaper articles). The initial reading point some argumentative elements like the hope of healing and progress of science frequents in representations of patients, scientists, lawyers, journalists and religious about stem cells.

**Keywords:** Stem cells; biotechnoscience; moral representations

## RESUMEN

La comprensión de interacción social mediada y del discurso moral a través de los medios de comunicación deben ser objetivos de bioéticos interesados en ver cómo discursos sobre la biotecnociencia se incorporan a la vida cotidiana de la gente, lo que permite una vista panorámica de la construcción subjetiva de la moral. El objetivo de este trabajo es presentar parte de experiencia de grupo de Bioética e Biotecnociencia de la Cátedra de Bioética de Universidad de Brasilia, que está investigando la circulación de como contenidos morales sobre las células madre se transmiten en los medios de comunicación (televisión). Se muestran el camino para la construcción de una metodología y los resultados preliminares de la primera incursión en el corpus establecido (317 artículos de prensa). La lectura crítica nos permitió distinguir elementos argumentativos, como la esperanza de curación y el progreso de la ciencia, a menudo en las representaciones que los hablantes identificados (pacientes, científicos, abogados, periodistas, religiosos y religiosas) tuvieron sobre la cuestión de las células madre.

**Palabras-clave:** Celulas madre; biotecnociencia; representaciones morales

## INTRODUÇÃO

As representações morais podem ser compreendidas como uma forma particular de representação social. Em suas interações cotidianas e na apreensão do mundo, as pessoas

lançam mão de afirmações, aproximações conceituais e valorações que permitem, através do estabelecimento de consensos práticos [1], a justificação de comportamentos e a vinculação à grupos sociais, as comunidades de pertencimento moral. Nestas comunidades há conjuntos de princípios, normas, preceitos e valores que orientam as condutas [2]. As moralidades, esse conjunto de disposições adquiridas e construídas, orientam para ação e são signos da subjetividade, manifestando-se na intersubjetividade.

As noções de certo e errado, de justo e injusto, de verdadeiro e falso, de bom e mau, longe de serem concepções pétreas ou imutáveis, partem das experiências individuais e de construções simbólicas coletivas. São construções negociadas num amplo mercado simbólico por toda a vida dos sujeitos, emergindo nos movimentos de ordenação do mundo e estabelecendo os rumos das ações e os caminhos a serem percorridos, isto é, permitem que as pessoas se orientem no mundo, como pressupõe Moscovici [3].

No mundo contemporâneo, novos objetos têm sido oferecidos pela Biotecnociência [4] à apreensão e à representação. A capacidade técnica de interferir na herança biológica, nos corpos e nos ciclos de vida trouxe às comunidades morais estabelecidas novas formas de conflito que, a princípio, emergem de espaços estruturados como a academia, mas ganham espaços sociais mais amplos.

A bioética surge - enquanto movimento social que posteriormente se organiza como disciplina ou campo de saberes - como tentativa agregar as diferentes reflexões críticas sobre tais situações de conflito. E, como campo,

tornou-se o espaço para o estudo sistemático das diferentes dimensões morais do campo das ciências da vida e da saúde [5].

Dois grupos de questões preenchem sua agenda: (a) as questões de ordem pragmática que requerem adequação normativa-prescritiva, como a alocação de recursos em saúde ou os limites para manipulação da vida; (b) as questões da ordem do simbólico, como a sacralidade da vida ou o conceito de pessoa, que são atravessadas por pré-concepções, determinismos e visões de mundo – o subjetivo - além de contar com reflexões teóricas. Ambas complementam-se na formação de consensos, nem sempre possíveis, acerca das consequências das práticas biomédicas e das pesquisas biotecnológicas.

Quer pela “determinação prática da teoria” ou pela “crítica prática pela teoria” [6, 7], a bioética tornou-se um interessante universo discursivo [8], permitindo a confluência de discursos provenientes de diferentes campos e a discussão de problemas baseada em argumentos morais e técnicos. É um fórum privilegiado para reflexão sobre aspectos concretos, sem abandonar completamente os aspectos metafísicos da condição humana que podem ser fragilizados pelos avanços biotecnocientíficos [9].

Nesse fórum temas como clonagem, transgenia, *screening* genético, manipulação de embriões e terapias com células-tronco – as questões emergentes em bioética – são analisadas sob o escopo de diferentes correntes teóricas, na tentativa de antecipar desdobramentos de suas aplicações, que poderiam ter consequências sobre a *vida nua* das pessoas [4].

Além dos debates acadêmicos ou por especialistas, estes temas despertam a curiosidade e o interesse de públicos diversos, criando um nicho de comunicação, ocupado geralmente por jornalistas especializados ou por relações públicas de laboratórios. Estes profissionais têm a tarefa de traduzir para o grande público, em linguagem acessível, procedimentos, métodos e princípios. Há também pesquisadores que se ocupam desse papel, garantindo presença constante na mídia e empenhando-se em criar estratégias de divulgação para suas pesquisas.

Os modelos de comunicação pública da ciência chamaram a atenção de Bourdieu, que faz uma pequena reflexão sobre a questão da presença constante de cientistas de determinados campos na mídia:

*“No caso de disciplinas aparentemente mais independentes, como a História ou a Antropologia, ou a Biologia e a Física, a arbitragem da mídia se trona cada vez mais importante, na medida em que a obtenção de créditos pode depender de uma notoriedade da qual já não se sabe muito bem o que deve à consagração pela mídia ou à reputação aos olhos dos pares.”*

Quer por disposição em informar ao público ou por interesses privados (garantia de financiamento, apoio governamental, etc.), o tom da difusão de conhecimentos produzidos no interior dos muros da academia pode variar de esquematizações generalistas à novidade revolucionária. E ao ganhar o espaço público, outros interlocutores se ocupam em criar novas representações, que podem ganhar características de detração por ameaça aos

fundamentos morais ou de elogio às benesses da tecnociência. É neste contexto que a bioética pode fornecer ferramentas de reflexão para mediação de conflitos e construção plural acordos.

A produção e a circulação pública de tais discursos sobre (bio)tecnociência permitem a expressão da diversidade moral, mas deve-se compreender que os locais de enunciação de cada fala são atravessados por interesses próprios, o que aponta para necessidade de sua avaliação crítica a fim de desvelar a boa ou má fé por trás daquilo que se fala sobre os produtos biotecnocientífico.

Refletindo sobre as condições de produção de discursos, Foucault afirma que “(...) *em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos (...)*” [10], o que reforça a necessidade de compreender os meandros éticos de sua produção e circulação.

No mercado simbólico das moralidades as competências de cada produtor/consumidor (interlocutor) de discursos determinam o quanto de capital simbólico será agregado, isto é, compreender o local de quem fala e como fala é tão importante quanto entender-se o que é falado [1]. A autoria e a estrutura do discurso conferem legitimidade e peso moral às palavras [10], imbuindo-as de novos significados.

Por exemplo, o valor biológico de uma célula-tronco numa garrafa de cultura ganha novas dimensões ao ser associado à noção de cura de doenças no discurso de um pesquisador. O cientista enriquece simbolicamente seu

objeto ao por em circulação noções sobre as potenciais aplicações daquilo que produziu. Interlocutores próximos ou de fora de seu campo podem se apropriar de tal discurso, colocando-o novamente em circulação e agregando mais valor simbólico àquele objeto inicial. Ora, esse é um fluxo de praxe na comunicação, mas, nas últimas décadas, os discursos ideológicos de/sobre biotecnociência têm se incorporado no campo social mais amplo de maneira rápida e amplamente conduzida por meios de comunicação de massa.

A Biotecnociência é rica em capital simbólico biopolítico [11], portanto tem força para remodelar o *habitus* de agentes sociais inseridos em campos distintos. Isso pode ser constatado ao se observar a vida humana na contemporaneidade, que é atravessada por sua onnipresença: os biofármacos têm ampla utilização, os transgênicos estão à mesa, a reprogenética ao alcance e as terapias celulares e genéticas estão em sua fase de difusão.

O grande capital político que determinados pesquisadores e instituições científicas - principalmente aqueles que têm presença garantida nos meios de comunicação - acumularam permite aos mesmos pautar a construção subjetiva das moralidades do grande público. Não se está a afirmar que as pessoas não tenham competência moral para tomar suas próprias decisões e fazer suas próprias escolhas. Mas, entre propagandas televisivas e documentários dedicados a explanação das “inúmeras vantagens” trazidas pelo “avanço científico”, a opinião do cidadão comum pode estar alicerçada sobre interesses de bastidores próprios do campo da biotecnociência, tendo sua autonomia reduzida e sendo alvo de um aliciamento simbólico.

A compreensão de que a qualidade da informação que chega os interlocutores da biotecnociência - e não somente a quantidade - pode proporcionar clareza na construção de representações idiossincrásicas de cada grupo social interessado ou por ela afetado tem impulsionado pesquisadores da bioética a lançarem mão do arsenal metodológico das teorias em representações sociais para compreender a construção do pensamento moral na contemporaneidade.

O estudo da interação social mediada e da circulação de discursos morais através da mídia deve ser assumido por bioeticistas interessados em verificar como discursos sobre biotecnociência se incorporam ao cotidiano das pessoas, permitindo visão panorâmica da construção subjetiva de moralidades [12], que é a meta central do presente trabalho.

O objetivo deste artigo é apresentar parte de uma das experiências do grupo de Bioética e Biotecnociência da Cátedra de Bioética da Universidade de Brasília, que é a investigação da circulação de conteúdos morais em discursos sobre células-tronco veiculados em mídia de massa (televisão).

## **2 - A CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA AVALIAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES MORAIS SOBRE CÉLULAS-TRONCO**

A investigação bioética da circulação de discursos sobre células-tronco partiu da percepção de que mídias de massa são lugares de confluência de interlocutores de campos diversos e, longe de ser campo isento “*as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço*

*público*” (p.19) [13], mesmo permitindo que agentes sociais diversos lancem mão de seus espaços para manifestarem-se.

A divulgação na mídia de resultados de pesquisa e de corolários morais sobre prós e contras sobre o tema pode levar à polarização das opiniões do grande público, enredado pelo “*inédito*” ou pelo “*espetacular*” ditados pelo cientista ou pelo divulgador de ciência que se somam às construções semióticas desses espaços de divulgação. Refletindo sobre o caráter mobilizador de uma das mídias de massa, a televisão, Bourdieu avalia:

*“E, insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação da realidade. Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão. A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política.”* (p.29). [14]

Essa percepção de que a mídia televisiva pode exercer papel regulador (ou de interdição) sobre discursos, soma-se a constatação de que diferentes comunidades discursivas procuram o espaço midiático para confrontação de opiniões e valores, determinando a escolha de programas televisivos como universo da pesquisa.

A primeira incursão ao campo, o primeiro olhar sobre os desdobramentos midiáticos das pesquisas com células-tronco, levou a percepção de que eram freqüentes as aparições de certos interlocutores (Figura 1) nas discussões.



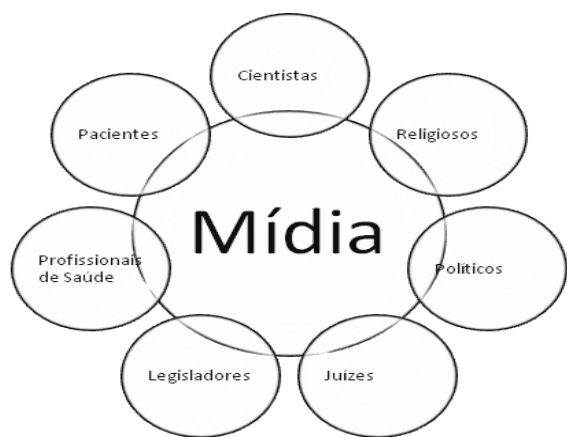


Figura 1: Principais interlocutores sobre células-tronco presentes em mídias de massa

Essa diversidade permitiu que se intuísse que nos discursos veiculados estariam representadas as diversidades morais dos interlocutores envolvidos com a temática, fornecendo elementos para análise. Pode-se dizer que este tipo de aproximação segue uma lógica estrutural funcional, isto é, há uma pressuposição de que a sociedade pode ser um sistema externo específico composto por partes inter-relacionadas e atividades interligadas, repetitivas e quase padronizadas, cuja tendência é um estado de equilíbrio dinâmico [15].

Cada campo social possui uma estrutura funcional peculiar e relaciona-se com outros campos circunvizinhos. Por exemplo, o campo científico relaciona-se ao campo econômico, este, por sua vez ao político, e assim sucessivamente. Os campos se justapõem, se interpõem, se contrapõem. Configuram uma rede de relações e possibilidades de representações diferentes para um mesmo objeto, as células-tronco.

Pôr em perspectiva a constituição e a circulação da moralidade nos discursos de uma época implica não somente em constituir um apanhado de opiniões - uma doxologia

- , mas em tentar reconstituir o sistema geral de pensamento que permite a existência de tais opiniões e oposições - uma abordagem arqueológica [16]. Avaliar a contribuição de cada campo da sociedade na circulação de moralidades não constitui tarefa fácil de ser executada, portanto, deve-se limitar esta perspectiva aos campos de interface, não somente às interfaces entre os campos sociais.

Portanto o desenho metodológico seguiu a seguinte compreensão: o campo midiático é aglutinador de práticas discursivas, como já afirmado. E os agentes discursivos da mídia pretendem deixar em segundo plano suas próprias formulações discursivas, dando destaque às formulações de outros campos. Sabe-se que uma das principais críticas a tal “isenção” é que as linhas editoriais dos veículos de informação podem enviesar a forma como uma notícia é veiculada, deformando certos aspectos dos conteúdos cognitivos da mensagem em prol de outros interesses que não a divulgação “pura” da notícia.

Numa aproximação bourdieusiana, o papel central da mídia, e particularmente da mídia televisiva, na circulação de determinadas práticas discursivas caracteriza-se por certo efeito de mobilização que esses exercem sobre grupos, idéias e representações [14]. Enquanto *media*, isto é, meio ou intermediário, entre fontes de informação e indivíduos, os meios de comunicação adquirem poderes sobre ambos [17]. A mídia, por sua natureza, é um campo de encontro dos outros campos. É o local onde os discursos de cada campo se depreendem para serem apreendidos pelos demais campos. Assim, compreende-se que uma incursão sobre o papel da mídia televisiva na circulação de moralidades sobre um objeto biotecnocientífico

é uma estratégia adequada.

Através de uma análise crítica de discursos morais manifestos na mídia televisiva sobre células-tronco, pretende-se, sem cerceamentos epistêmicos para qualquer voz que se manifeste sobre o assunto, estabelecer os papéis relativos de diferentes interlocutores na constituição de enunciados morais que circulam no seio da sociedade.

Ao longo da análise de dados, se percebeu a concorrência de vozes na produção de moralidades acerca dos usos de células-tronco humanas. A concretude dessa concorrência atesta os esforços teóricos em avaliar as falácias normalizadoras nas práticas discursivas moralizantes. O que implica em afirmar que o desenho desse tipo de estudo poderá, espera-se, ser aplicado para a análise bioética de outros objetos biotecnocientíficos não implicados diretamente na presente pesquisa.

Tendo-se escolhido a televisão como campo, restava a escolha de que tipo de material seria trabalhado ao longo da pesquisa. Os jornais televisivos foram a escolha óbvia, por serem os veículos centrais de divulgação das novidades no campo da ciência. Tendo como orientação teórico-metodológica as representações sociais em discursos, particularmente as representações morais, optou-se pelo seguinte algoritmo (Figura 2):

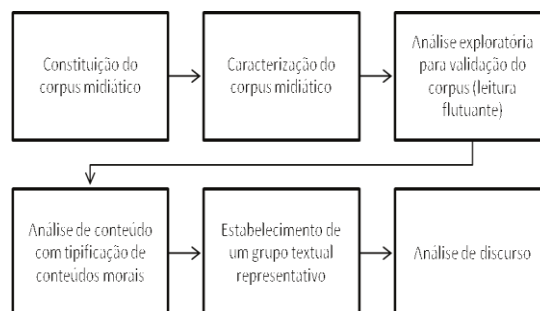


Figura 2: Algoritmo de pesquisa

O passo seguinte foi a escolha de uma rede televisiva pública e com níveis elevados de audiência. Foram obtidas transcrições de 317 matérias que abordavam o tema das células-tronco em seus telejornais, compreendendo um intervalo de 12 anos, entre 1998 e 2010.

A primeira exploração desse material, apresentada aqui em forma de resultados preliminares, foi a codificação seguida de leitura flutuante dos transcritos para avaliar a presença da temática das células-tronco. Tal validação preliminar permitirá a realização das etapas subsequentes da pesquisa, isto é, a análise de conteúdos de todo o corpus e a análise de discursos de uma amostra representativa.

### 3 - OS PRIMEIROS RESULTADOS

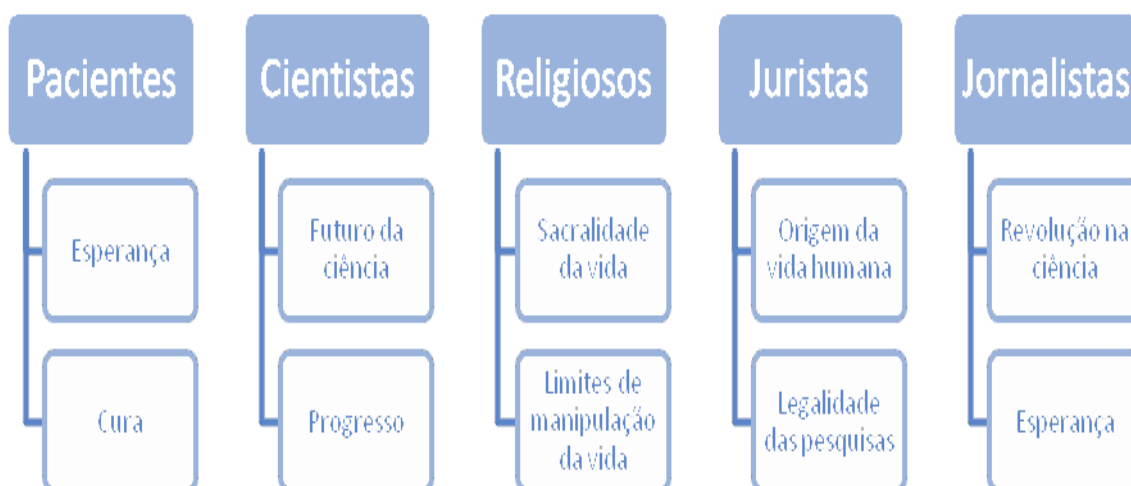
A exploração inicial dos transcritos de entrevistas, editoriais e reportagens sobre células-tronco, veiculados na emissora escolhida, levou a constatação de que cinco grupos de enunciadores seriam frequentes na análise: pacientes ou portadores de doenças possivelmente tratáveis com células-tronco; cientistas e pesquisadores do campo das células-tronco; religiosos; juristas envolvidos com debates da legalidade das pesquisas; jornalistas que faziam cobertura das pesquisas e debates nacionais.

A leitura flutuante permitiu a percepção de que alguns elementos argumentativos seriam frequentes nas representações que os enunciadores identificados tinham sobre a questão das células-tronco. Cabe recordar que dois eventos regulatórios, em solo brasileiro, são polarizadores das discussões sobre o tema: a aprovação da lei de biossegurança

pelo Congresso Nacional e os debates sobre a legalidade das pesquisas no Supremo Tribunal Federal. Ambos eventos transparecem na leitura.

Os elementos argumentativos identificados para cada grupo são apresentados na Figura 3.

**Figura 3:** Enunciadores e argumentos identificados na leitura flutuante do corpus.



Alguns excertos do corpus podem exemplificar o caráter de tais argumentos, demonstrando a riqueza do material em termos de representações sobre células-tronco:

**(1) Pacientes**

*Samuel Grossmann, que comanda a Associação Brasil Parkinson (ABP), diz que é realista: sabe que a cura vai demorar. Mas agora, com o sinal verde para as pesquisas, ele tem certeza que é mais fácil enfrentar a espera. “É importante manter o ânimo elevado, o moral elevado, para esperar a cura e não se entregar a uma cadeira, ao desespero e a depressões. É uma perspectiva que se abre no horizonte”, observa Samuel Grossmann, presidente da*

*Associação Brasil Parkinson. (M39)*

**(2) Cientistas**

*“Vai ser um avanço nas técnicas que existem hoje de transplante de órgãos. Vai ser um salto qualitativo gigantesco para poder fabricar novos tecidos e, mais tarde, novos órgãos”, afirma a bióloga Mayana Katz. “Particularmente para doenças cardíacas, doenças neurológicas, para as quais nós não temos outra alternativa, a questão é que se abriu uma janela no horizonte, uma luz no fim do túnel”, acredita o médico José Eduardo Krieger. (M51)*

**(3) Religiosos**



*A Confederação Nacional dos Bispos mandou carta para todos os deputados e fez um apelo ao presidente da Câmara dizendo que o uso de embriões é desrespeito à vida. “Desde a fecundação existe vida humana. Não podemos pretender a cura de uma pessoa mediante a morte de uma outra pessoa”, defende dom Odilo Pedro Scherer, secretário-geral da CNBB. (M41)*

#### (4) Juristas

*“Em maio de 2005, o procurador-geral da República na época, Claudio Fonteles, entrou com uma ação direta de inconstitucionalidade. Ele disse que a pesquisa com embriões fere o direito à vida e a dignidade da pessoa humana. E completou: “a vida humana começa na fecundação”. Para os religiosos, a vida também começa na fecundação. E alguns cientistas pensam da mesma forma. Já outros pesquisadores defendem que a vida só existe quando o embrião tem um ambiente favorável para se desenvolver e virar um bebê, no caso o útero materno”. (M72)*

#### (5) Jornalistas

*“Alexandre Garcia comenta: - Não é um julgamento de religião versus ciência. É um julgamento para saber se é possível usar na pesquisa científica células humanas embrionárias que seriam descartados. Ou seja, dar a essas células a possibilidade de novamente gerar vida, substituindo e estimulando a substituição de células doentes do cérebro, do coração ou no sistema nervoso central, por exemplo. Isso,*

*claro, dependendo do sucesso da pesquisa liberada no Brasil, daria autonomia para o país nessa pesquisa e ainda permitiria que o Brasil ajudasse a pesquisa está sendo em outros países no mundo. Se as pesquisas não puderam mais ser feitas, os embriões vão para o lixo e acabaria a esperança de milhares de doentes graves. Aliás, essa esperança já está sendo retardada por mais de três anos, porque a Lei de Biossegurança não entra em vigor. É bom lembrar que a esperança é uma das três virtudes teológicas, entre a fé e a caridade. No caso, parece que a fé atrapalha a caridade, que é a maior dessas virtudes”*

Nos transcritos há outros elementos de representação: (a) relativas ao embrião; (b) relativas ao processo saúde-doença; (c) relativas aos limites de manipulação da vida; (c) relativas às técnicas (risco e custos); (e) relativas ao *habitus* científico. Eles serão elencados e agrupados conforme operadores definidos em etapa posterior de análise de discurso.

Na grande maioria dos textos há alguma forma de manifestação de *ethos* e a variedade de conflitos e acordos recorrentes dão mostras da pluralidade moral na discussão do tema, o que valida o corpus para a busca da compreensão da circulação e apropriação de argumentos morais por diferentes interlocutores.

*“Quem é contra a pesquisa diz que a vida começa no momento da fecundação e que, portanto, os embriões congelados não poderiam ser usados. “Tem o problema ético, porque o embrião já é uma pessoa humana. Então, se eu vou aceitar fazer experimento com um embrião humano,*

*seja congelado ou seja fresco, eu estou ferindo a dignidade humana”, afirma a pesquisadora Alice Teixeira Ferreira.”* (M3)

Outro aspecto interessante nos transcritos é a profusão de termos originários das ciências biomédicas, bem como de tentativas de definição do que seriam células-tronco e explicações de procedimentos experimentais nos discursos de jornalistas e outros enunciadores. Essa é uma marca da tentativa de transmissão de um novo conhecimento científico ao grande público, característica do jornalismo científico.

*“As cobaias serão ratos com genes mutantes. A idéia é tentar entender como as células-tronco crescem e se dividem e como a gente consegue fazer com que sigam o caminho que a gente quer, que uma se torne neurônio parte do sistema nervoso, e outra de outra parte”, continua o pesquisador.”* (M4)

Há elevada frequência de uma polarização entre o sofrimento/doença e a esperança de cura através das terapias celulares. Jornalistas, pesquisadores e pacientes aparentemente incorporaram a ideia de que as células-tronco são uma panaceia ou última esperança para moribundos, o que agrega enorme peso simbólico em seus argumentos. Um detalhe semiótico percebido durante a transcrição é o frequente aparecimento de “cadeirantes” nas imagens externas das reportagens.

*“A solução para esses problemas pode sair de uma pesquisa que está sendo feita em alguns hospitais do país e que tem como foco a maior fonte de esperança da medicina nos dias de hoje: as células-*

*tronco.”*(M16)

Um último aspecto é a recorrência de alguns cientistas, com ampla permissão de fala, em entrevistas ou debates. Aparentemente a emissora de televisão escolheu elencou alguns “arautos” ou tradutores dos produtos das pesquisas científicas. Esses pesquisadores são frequentemente convidados a expor suas opiniões sobre determinados avanços no campo.

*“A geneticista Mayana Zatz, pesquisadora-chefe do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo (USP), defende o uso das células-tronco embrionárias. Segundo ela, um embrião com menos de 14 dias de desenvolvimento não tem atividade cerebral.”* (M37)

Cabe lembrar novamente que ainda há processos de sistematização a serem realizados sobre o corpus e que esta incursão tem somente caráter exploratório. Certamente uma análise mais minuciosa dos discursos aqui representados permitirá verificar em que medida a mídia põe em circulação um produto simbólico permitindo a construção de moralidades a seu respeito.

#### **4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção de moralidades sobre produtos de biotecnociência é socialmente estruturada, isto é, depende de uma pletera de condições, normas, valores e vivências. Quer por ação ou discurso, as pessoas põem em negociação simbólica os objetos de sua moralidade. Numa sociedade de comunicação, como a contemporânea, um grande volume dessas

negociações é feito em mercados simbólicos específicos, tal qual o espaço midiático, onde há formas explícitas e veladas de controle sobre os discursos morais proferidos.

A indústria cultural de massa é responsável pela estandardização e produção em série de programas televisivos que sujeitam, segundo uma concepção crítica aos moldes do pensamento da Escola de Frankfurt, a audiência a mesma programação e ao mesmo conteúdo. Por conseguinte, a comunicação de massa consegue produzir reformulações dos dispositivos sociais e culturais, moldando a opinião pública. Possivelmente é isso que se observa na atual discussão sobre células-tronco mediada pelas redes televisivas.

Com o predomínio de determinados interlocutores e de argumentos que apelam para moedas simbólicas como a esperança de cura ou para a noção de que tudo que é científico é bom em jornais televisivos, aparentemente se molda a competência moral do grande público em função de lucros simbólicos esperados: o estabelecimento das terapias como células-tronco como estratégia de primeira linha para tratamento de inúmeras doenças. Mas deve-se salientar o caráter experimental e transiente dessas terapias. Ainda não há certezas plenas sobre os desdobramentos de qualquer intervenção médica com células-tronco, salvo os transplantes de medula óssea.

A propaganda e o aliciamento simbólico em prol da utilização de células-tronco são formas sutis de imposição de moralidades, referendadas por locais de autoridade, como o âncora de jornal diuturnamente presente ou o cientista trajando guardapó. Na economia simbólica dos objetos da biotecnociência,

o capital simbólico por estes acumulado pode ser determinante para a formação de representações morais do grande público e seus discursos fazem transparecer seus locais de enunciação moral.

Os discursos veiculam ponderações e ganham o espaço ético social, o espaço do interdiscurso. Aqui, a comunicação de uma compreensão moral tem consequência e exige responsabilidade, pois repercute nos espaços coletivos. Há um “pretendido” por trás de cada texto e cada ato linguageiro dentro de um discurso é assumido em interdiscursos. Nos espaços coletivos se criam novas representações morais que podem estar atravessadas de elementos de persuasão e de argumentos ideológicos.

Analisar a circulação dessas formas de discurso através de veículos de mídia, e alertar sobre possíveis manipulações da opinião pública, constitui um esforço para garantir as pessoas o direito de livre escolha sobre os produtos da biotecnociência. Esta é uma tarefa que deve ser assumida por bioeticistas na tentativa de garantir a autonomia das pessoas e a pluralidade de representações morais.

A linguagem moral, os sentimentos morais, as convicções pessoais e as disposições de espírito precisam ser investigadas à luz de referenciais teóricos que permitam a compreensão se sua circulação. A bioética, enquanto campo interdisciplinar, pode se apropriar dos modelos de compreensão oferecidos não somente pela ética filosófica, mas aqueles ofertados pela teoria da ação, pela fenomenologia social, pelo interacionismo simbólico e pelas representações sociais. Esta última corrente, por tratar das perspectivas coletivas sem a

desconsideração das individualidades, permite traçar importantes “retratos” das concepções morais de uma época. A investigação das representações sociais das moralidades traz novo lustre ao debate ético acadêmico, informando aos sistematizadores deste tipo de fenômeno social os augúrios do destino moral das multidões.

## 5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bourdieu, P., *A economia das trocas linguísticas*. 1 ed. 1996, São Paulo: EDUSP. 190.
2. Cortina, A. and E.M. Navarro, *Ética*. 1 ed. 2005, São Paulo: Edições Loyola. 176.
3. Moscovici, S., *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 8 ed. 2011, Petrópolis: Editora Vozes. 406.
4. Schramm, F.R., *O uso problemático do conceito vida em bioética e suas interfaces com a práxis biopolítica e os dispositivos de biopoder*. Revista Bioética, 2009. **17**(3): p. 377 - 389.
5. Reich, W.T., *Encyclopedia of bioethics*. Rev. ed. 1995, New York: Macmillan Pub. Co.
6. Schramm, F.R., *A moralidade da biotecnologia: a bioética da proteção pode dar conta do impacto real e potencial das biotecnologias sobre a vida e/ou a qualidade de vida das pessoas humanas?*, in *Bioética, riscos e proteção*, F.R. Schramm, et al., Editors. 2005, Editora UFRJ - Editora Fiocruz: Rio de Janeiro. p. 15-28.
7. Hottois, G. and J.N. Missa, *Nouvelle encyclopédie de bioéthique*. 1 ed. 2001: De Boeck Université. 992.
8. Charaudeau, P. and D. Maingueneau, *Dicionário de Análise do Discurso*. 2ª ed. 2008, São Paulo: Contexto. 557p.
9. Hottois, G., *O paradigma bioético - Uma ética para a tecnociência*. 1 ed, ed. C.N. Tecnologias. 1990, Lisboa: Edições Salamandra. 166.
10. Foucault, M., *A ordem do discurso*. 19ª ed. Leituras Filosóficas. 2009, São Paulo: Edições Loyola. 82.
11. Bourdieu, P., *Os usos sociais da ciência*. 1ª ed. 2003, São Paulo: Editora UNESP. 99.
12. Moscovici, S., *La psychanalyse, son image et son public*. 2. éd. entièrement refondue. ed. Bibliotheque de psychanalyse. 1975, Paris: Presses universitaires de France. 506 p.
13. Charaudeau, P., *Discurso das Mídias*. 1ª ed. 2009, São Paulo: Editora Contexto. 285.
14. Bourdieu, P., *Sobre a Televisão*. 1ª ed. 1997, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 145.
15. DeFleur, M.L. and S. Ball-Rokeach, *Teorias da Comunicação de Massa*. Tradução da 5ª ed. 1993, Rio de Janeiro: Zahar. 399.
16. Foucault, M., *As palavras e as coisas*. 9 ed. Coleção Tópicos. 2007, São Paulo: Martins Fontes. 543.
17. Bregantini, D., *Dossiê: Mídia e Poder*. CULT, 2011. **14**(154): p. 54-55.

**Artigo apresentado em 01/05/2012**

**Artigo aprovado em 01/06/2012**

**Artigo publicado no sistema em 17/06/2012**